

BELO ORIENTE, MG, 17 DE ABRIL DE 1996

Senhor Governador de Minas, meu amigo e companheiro Eduardo Azeredo, grande Governador de Minas; Senhor Embaixador do Japão, Senhor Tsukada; Senhor Embaixador do Panamá, Senhor Fernandes Martinez; Ministro de Minas, Dr. Raimundo Brito; Ministra da Indústria e do Comércio e do Turismo, Dorothea Werneck; Altas Autoridades de Minas Gerais aqui presentes; Senhores Senadores que me deram a honra da companhia; Senhores Deputados; Senhor Vice-Presidente da Vale do Rio Doce, Dr. Schettino; Senhor Presidente da JBP, Dr. Yamada; Senhor Presidente da Cenibra, Luiz Otávio Mota Valadares; Ziza Valadares; Senhor Prefeito de Belo Oriente, João Bosco Ribeiro; Senhores Prefeitos e outras autoridades locais; Senhores Empresários; Senhoras e Senhores; Funcionários da Cenibra; Todos os demais presentes;

Hoje, eu gostaria de fazer umas poucas referências, basicamente a três fatos ou a três processos.

Um, já ressaltado pelo Governador de Minas, diz respeito a que nós estamos aqui, de alguma maneira, comemorando o reencontro

do desenvolvimento do Brasil com a vontade japonesa. Isso é muito importante.

Estive recentemente no Japão, a convite dos Imperadores, e, lá, pude perceber o quanto existe de disposição de buscar, outra vez, parcerias conseqüentes com o Brasil. E saibam os senhores – peço ao Embaixador que transmita isto ao Governo do Japão – que tudo o que eu disse no Japão está se concretizando aqui, hoje.

Com esse espírito, só tenho um reparo a fazer. Fiquei emocionado ao ver o Presidente Valadares falando em japonês e quando o Embaixador do Japão falou num português, aí, sim, perfeito. Primeiro, eu me senti um pouco sem jeito e, depois, olhava para o Ziza Valadares: “Mas, Ziza, vai lá – porque ele está falando em português – e traduza para o japonês.” E o Ziza, só por timidez, não foi. A despeito desse pequeno reparo, a verdade é que estamos assistindo a uma manhã de confraternização, e não das palavras, é concreto: é ver, como acabamos de ver, esta fábrica e verificar o que pode ser feito juntos – japoneses e brasileiros –, e conseguiremos avançar e muito mais.

Eu perguntava a respeito dos equipamentos. Aqui, majoritariamente, os equipamentos são feitos no Brasil. O capital é japonês, o capital é brasileiro, o capital é da Vale do Rio Doce, do Governo Federal, do Governo de Minas. Todos se juntam. Mas isso desenvolve todo um ciclo de demandas novas, que vão multiplicar os empregos no Brasil todo, e não poderemos fazer isso se não houver boa tecnologia. Às vezes, a tecnologia é sueca; às vezes, é alemã. Mas ela já foi absorvida no Brasil, já é fabricada no Brasil, por brasileiros, ao lado de estrangeiros que para aqui vêm nos ajudar.

Isso é um fato marcante, hoje, e é o motivo de estarmos realmente comemorando. E a comemoração é de um monumento que aqui está: a Cenibra, esse reencontro da vontade de o Brasil crescer e da vontade japonesa de participar desse crescimento.

Por outro lado, queria me referir ao fato de que aqui há tantos trabalhadores. Eu perguntava ao Governador e ao Valadares, no caminho, como era a distribuição do emprego. E, aqui, essa nova unidade – como tudo que é moderno – não é propriamente geradora de

emprego direto, mas, nos campos, mais 3 mil trabalhadores, portanto, 3 mil famílias, encontram emprego nos campos de Minas Gerais.

É assim, e não na retórica, que se cria emprego, é investindo; investindo e fazendo o que é necessário, conciliando a produção ultramoderna com a necessidade de dar emprego e expandir a produção noutros setores, como no caso, aqui, do setor florestal.

E mais ainda, não só isso: a segunda dimensão que queria mencionar esta manhã é o empreendimento que gera emprego, mas que se faz dentro da concepção moderna de desenvolvimento sustentável, que respeita o meio ambiente.

Ao entregar este certificado à Cenibra, faz-se uma prova de que o desenvolvimento do Brasil é um desenvolvimento compatível com o desejo do povo brasileiro e da humanidade: respeita o meio ambiente. É um desenvolvimento que junta capitais, que absorve tecnologia, que tem, na força de trabalho brasileira, o sustentáculo; que precisa se expandir, mas é, ao mesmo tempo, um desenvolvimento que, ao se espalhar, preserva as condições de reprodução, para sempre, das condições de vida. E a preocupação com o meio ambiente está aqui materializada neste empreendimento.

Por fim, a terceira dimensão a que quero me referir é muito direta, vem muito de dentro de mim. Refiro-me a Minas Gerais, aos mineiros, ao Governador, que os simboliza, e a esse povo mineiro, povo ao qual eu, pessoalmente, devo tanto: toda gente sabe que onde eu tive mais votos foi em Minas Gerais. E, a cada pesquisa nova que aparece, percebo que os mineiros continuam confiando naquele que eles elegeram.

Quero lhes dizer que as palavras do Governador, que são a expressão da verdade, mostram uma Minas Gerais que alguns teimam em não ver, mas é uma Minas Gerais, hoje, que aponta para a prosperidade, para a competência e para o futuro. É uma Minas Gerais que se lançou à frente no processo de vinculação dos capitais privados com os públicos na energia elétrica. E são quantas? Cinco unidades novas, geradas neste Governo. Cinco unidades geradoras de energia, novas, que começam a ser construídas. Dentro de pou-

co tempo, gerarão energia e moverão máquinas e darão emprego. Emprego não se dá por um decreto: é no trabalho, produzindo, investindo. E Minas Gerais está investindo. Basta olhar as estatísticas para verificar que Minas Gerais, dos estados da Federação, é aquele que está na *pole position* para um novo Brasil. O novo Brasil é este que estamos vendo na Cenibra. É um Brasil que muda de patamar, na base tecnológica e das aspirações de desenvolvimento. É um Brasil – como me dizia, hoje, a Ministra Dorothea Werneck, que é uma grande Ministra de Minas Gerais – que, agora, não se contenta em produzir o mesmo, mas quer produzir mais, melhor e mais barato.

Aqui, é o que nós vimos: o investimento foi menor do que se imaginava, custou menos, foi feito mais rapidamente e vai produzir mais. Tenho certeza, porque o técnico principal, encarregado desta unidade, disse-me que é possível que ultrapassemos o previsível com a produção dessas máquinas. Não convém cantar loas antes que os fatos aconteçam, mas tenho certeza de que a Cenibra vai se superar a si própria. Com esse investimento, com essas máquinas, vai produzir mais do que se esperava dela.

Isso é o que estamos fazendo no Brasil. Agora, estamos mudando, como me dizia a Ministra Dorothea, a base da produção automobilística. Houve uma famosa revolução no setor automobilístico, que foi o fordismo, a produção em linha. Depois, a grande modificação foi a Toyota, que foi praticamente um rearranjo administrativo.

Agora, estamos numa outra fase, em que, de alguma maneira, à indústria se acoplam os fornecedores de peças; e a indústria que faz a produção final, o acabamento, tem um funcionário que, praticamente, vai de uma unidade para outra, de outros produtores, acompanha a qualidade da produção e assina no fim do produto. É uma revolução em que se valoriza, outra vez, o trabalho humano, em que o responsável, que é um trabalhador, terá, ele, a sua marca ligada àquele produto. Não é a máquina só: é a máquina com inteligência, a máquina que substitui o braço, mas não substitui o cérebro. E o cérebro é do trabalhador, não é só do técnico, não é só do engenei-

ro e, muito menos, só do diretor: é do trabalhador que lá está seguindo a produção diretamente.

Nós estamos entrando nessa fase no Brasil, no que diz respeito ao setor automobilístico e, da mesma maneira, no que diz respeito, aqui, ao setor de celulose, ao setor de petroquímica – e já anunciaremos ao Brasil boas novas na petroquímica. No que diz respeito à indústria automobilística, estamos passando de uma fase em que nos contentávamos em juntar peças e fabricar um carro.

O que vai acontecer aqui, em Belo Horizonte, com a Fiat, é outra coisa. É um produto lançado no Brasil para o mundo todo. E o desenho do produto terá, crescentemente, que ser feito aqui, a tecnologia é incorporada aqui, os técnicos têm que ser daqui.

E, ontem, dizia-me um dos diretores da Fiat que, fora da Itália, a segunda grande empresa da Fiat está no Brasil. O Brasil é a base do crescimento dessa empresa. Isso, aqui, em Minas. Tenho certeza de que Minas, que está se qualificando dessa maneira, estará na dianteira da indústria automobilística também. E, quem sabe, nesta Semana Santa, o Governador, que é “cardeal”, possa ajudar um “cardeal” mais velho, que sou eu, a benzer Minas Gerais para sempre, como uma grande produtora de automóveis. Tomara que possamos fazer isso.

Minas será, daqui por diante, quem vai levar à nova industrialização do Brasil. E vai buscar portos novos também. Por isso, tenho tanto empenho em tantos portos, como o de Sepetiba, como os portos de Vitória, porque nós precisamos escoar a produção. E Minas estará na dianteira disso.

Não é por acaso que estamos empenhados na construção das estradas. A Fernão Dias está-se fazendo; quem sabe, amanhã, a duplicação da rodovia de Belo Horizonte para cá. Estamos buscando recursos lá fora, de financiamento, para que possamos dotar a infraestrutura do País das condições que permitam um desenvolvimento cada vez maior. E, nesse desenvolvimento cada vez maior, o papel de Minas Gerais é decisivo.

Quero dizer aos mineiros que podem se orgulhar de ter à frente de Minas um homem como o Governador Azeredo, que representa bem

o espírito mineiro, que sucedeu um grande prefeito de Belo Horizonte, o Pimenta da Veiga, que andava sumido, mas está aqui, que tem o apoio da bancada mineira, uma das mais combativas e das mais prestantes a Minas e ao Brasil. Eu me refiro, aqui, ao Francelino Pereira e ao Arlindo Porto, os dois Senadores que nos acompanham. E, ao mencioná-los, agradeço à bancada mineira, no seu conjunto, pelo esforço que tem feito.

Minas, hoje, é isso. É gente simples, como sempre foi, é gente séria, é gente que sabe que o que vale é o trabalho, não é a retórica; que o que vale é plantar fábricas, e plantá-las com esse espírito aberto de um horizonte novo.

Por isso, para finalizar e cumprimentar a cada um dos que aqui estão, ao agradecer, mais uma vez, a cooperação de todos os empresários que aqui se juntaram, eu queria dizer que a Cenibra tem um grande presidente – um grande presidente que é fraco no japonês (*risos*), mas, tirante isso, é um homem que faz aquilo que é necessário numa empresa, que é animar, dar sentido, motivar, não perder o horizonte, não se perder em coisas pequenininhas, porque isso é o passado, gente que só pensa em coisinha pequenininha: “Eu fiz, não fiz; gostei, não gostei; é esse, é aquele.” Não. Vamos olhar lá longe, olhar para frente e acreditar: acreditar em Minas, acreditar na Cenibra, acreditar no Brasil.

Tenho certeza de que, acreditando nós no Brasil, lá fora os japoneses e outros mais acreditarão junto conosco. Mas o pólo dinâmico é nosso, é o coração e o cérebro dos brasileiros e das brasileiras. E por isso quero agradecer, ao citar todos os que citei aqui.

Muito obrigado. E que esta fábrica supere todas as suas marcas anteriores!